

## RECENSÃO

**“A Romaria da Senhora da Agonia: Vida e Memória da Cidade de Viana”**  
por Moisés Martins; Albertino Gonçalves; Helena Pires – Viana do Castelo, Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhadores dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, 2000, 151 pp.

O álbum a “Romaria da Senhora da Agonia” é o resultado feliz de um esforço conjunto de três autores directamente vinculados à Universidade do Minho, que nessa obra verteram a expressão, tanto do seu bom gosto comum, como de cada uma das suas competências específicas.

Moisés Martins trouxe-lhe o benefício da sua experiência e qualificação em terrenos de Sociologia da Cultura e de Ciências da Comunicação assegurando, *ab initio*, que esta obra resulta num eficaz discurso de comunicação entre autores e leitores e alargando o espectro de interesses destes últimos.

Albertino Gonçalves contribui para o trabalho com a visão atenta da Antropologia Social e Cultural, casada com a perspectiva sociológica da atenção aos Estilos de Vida. O seu contacto, intenso e frequente com a problemática das migrações e consequentes aportações sociais e culturais confere-lhe a acuidade da visão do investigador em todas as matérias que nestas perspectivas se enformam.

Helena Pires, para além de uma qualificação específica em domínios de Comunicação, tem enfatizado a sua atenção nessa difícil forma de discurso persuasivo que caracteriza o ambiente publicitário habilitando-a para o casamento, por vezes problemático, entre o textual e o icónico.

De facto, todo este rico conjunto de vivências e de competências se reconhece visivelmente no belíssimo trabalho de que são autores, editado pelo Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhadores dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.

Trata-se de uma obra que conseguiu o difícil equilíbrio entre o rigor científico do conteúdo (que a torna apetecível para leitores qualificados em territórios das Ciências Sociais) e, conjuntamente, o apelativo da apresentação e a transparência do discurso, que tornam o livro acessível à generalidade do público.

A decisão suplementar de apresentação do texto em formato bilingue leva ainda mais longe o desejo de alargar a população-alvo passível de por ele se interessar.

Foi esta intenção legítima e apropriada à natureza do tema, já que as festas da Senhora da Agonia revestem um cariz e uma projecção, não apenas vianense e minhota mas também nacional e internacional.

Nesse aspecto, a obra referida assume o carácter de um “edição diplomática” na medida em que fixa definitivamente um conteúdo, assegura a sobrevivência *ad infinitum* de todo o seu contexto e características distintivas, apondo assim uma espécie de marca de

apelação controlada à Romaria da Senhora da Agonia; e obstando a uma futura (embora muito improvável) desvirtuação ou decadência.

As Festas da Agonia têm já uma história antiga, que se empalma na da própria cidade que lhe é berço e possuem um carácter multifacetado (ou cósmico, no próprio dizer dos autores), já que envolve os quatro elementos da natureza e que cinco sentidos são necessários para a sua completa degustação. Da pena dos autores e das chapas das ilustrações resulta um retrato vivo de movimentos, de formas, de luzes e de cores; de sabores e de odores; de falas, de música e de ruídos; de dinâmicas motoras e de oportunidades tácteis.

As devoções casam-se com emoções pagas, os rituais com os improvisos, a tradição com a inovação. A riqueza e complexidade do ambiente lúdico asseguram a diversidade de todos os participantes directos e indirectos, em que os próprios promotores se tornam beneficiários festivos e o público ocorrente retroage com a Festa, contribuindo para sublimá-la.

Percorrendo o leitor a história das Festas, d'Agonia vai simultaneamente atravessando a panorâmica cronológica da vida portuguesa (talvez sobretudo minhota), com as suas exteriorizações e tensões do social, do político, do económico e do cultural, mais do que adequadamente retratadas através de numerosos testemunhos das várias épocas, transcritos pelos autores.

Tiveram estes o escrúpulo de ilustrar os resultados da sua investigação com numerosíssimas imagens, cuja justeza representativa e, para mais, a grande qualidade estética evidenciam um aturado labor de pesquisa documental, traduzido pela detecção de muitas boas agulhas em vastos e inúmeros palheiros.

No caso vertente, a maquetização e o arranjo gráfico respeitaram com felicidade as intenções dos autores.

Em cômputo final, pode afirmar-se que a obra beneficiou da riqueza do objecto de estudo, já que consabidamente a Romaria da Senhora da Agonia é a mais bela das festas populares portuguesas.

Os autores, efectivamente, fizeram disso a respectiva e inequívoca prova.

*Maria Beatriz Rocha-Trindade\**

---

\* Universidade Aberta, Lisboa – Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais/CEMRI.